

## 5 Capitalismo tardio e formação do sujeito

### 5.1 Manutenção da contradição

Ainda que o incômodo específico diante disso não se manifeste frequentemente, continua sendo um problema da sociedade capitalista o fato de que existem recursos técnicos que permitiriam proporcionar para todo o mundo bens suficientes para sua subsistência, mas que esses recursos não são empregados para tanto, e tampouco existe a instância capaz de forçar que assim sejam. O paradoxo fundamental que essa situação geral encerra é marcado por um caráter explosivo no qual um primeiro marxismo apostou grande parte de suas fichas, no que encontrava a superação das relações de produção administradoras de uma privação até certo ponto artificial como o resultado sintético de sua contradição com o desenvolvimento das forças produtivas e a abundância material que elas traziam. Mas o tempo passou e essa explosão permaneceu contida. É que nem tudo que é sólido desmancha no ar: desde a derrota da Comuna de 1848 e o 18 Brumário de Luís Bonaparte, o capitalismo vem mostrando consistentemente o quanto o seu potencial modernizador é acompanhado por uma tendência arcaizante – nas palavras de Marx, no ruído das fábricas se escuta o silêncio ancestral das pirâmides. Essa tendência arcaizante se torna cada vez mais brutal e o paradoxo se faz sentir com cada vez mais força, na medida que as crises econômicas são narradas com terminologia de catástrofe natural, e a enxurrada de mercadorias pós-micro-eletrônicas contrasta com a persistência da miséria e a existência de grupos humanos que vivem como caçadores-coletores em meio aos refugos monumentais das liquidações.

A exposição constante a essa brutalidade tornou-se a forma da vida cotidiana, e o conformismo da ideologia religiosa de outrora foi substituído por uma administração matemática da catástrofe que – aparentemente, ou seja, na superfície – perdeu o momento específico da conformação, porque a cultura, depois de séculos de prática, acabou incorporando a catástrofe como coisa natural – quer dizer, natural do social – que não deve inspirar estranhamento. Assim, nos

termos mórbidos do frígido sadismo estatístico, diz-se que seis milhões de crianças com menos de cinco anos morrem de fome por ano, o que equivale a dezesseis mil crianças mortas de fome por dia (para quanto será que aumentaria esse número se a idade escolhida fosse cinco anos, sete meses e dezoito dias?); mas tudo bem, porque segundo o “Sistema de Monitoramento Global de Dados” do Banco Mundial, a sustentação dos mesmos índices de crescimento econômico dos últimos 12 anos nos países ditos em desenvolvimento pode fazer com que, até 2015, os índices de pobreza extrema caiam para 10% da população nesses países, o que seria “um sucesso impressionante”<sup>1</sup>. Por crescimento econômico subentende-se, evidentemente, a expansão das relações de produção capitalistas, com seu momento modernizante e seu momento arcaizante, sendo que esse último – mesmo após a falência dos Tigres Asiáticos, mesmo após a crise da dívida externa da América Latina<sup>2</sup> –, evidentemente, não tem o que fazer nos cálculos, e é sumariamente reprimido por esse discurso oficial do consenso universal pós-neo-liberal. Essa repressão tem um momento produtivo específico: não se trata de deixar de fora uma informação. Seria preciso uma fé cega e anacrônica no Esclarecimento para acreditar que não é de domínio público o fato de que a pobreza existe lá também onde o capital existe – ainda que, evidentemente, a crítica da economia política constitua um saber completamente renegado, mesmo nos círculos mais inteligentes.

Em outros termos: o discurso oficial do consenso universal pós-neo-liberal cola, mas não é porque oferece bons argumentos. Ele não oferece nenhum argumento: ele simplesmente é. É o discurso do poder<sup>3</sup>, o qual possui os códigos que permitem ao sujeito comportar-se como alguém empregável; o discurso de um aparato difuso que, entretanto, possui um dispositivo repressivo internacional bastante visível e explícito, e um comportamento arbitrário que salta mais ainda à vista nas épocas das chamadas crises econômicas. É a mentira goebbelsiana repetida mil vezes que se torna verdade só porque a instância que repete possui os meios para repeti-la. A crença nesse discurso não é, portanto, um gesto do

<sup>1</sup> World Bank Group: “Eradicate extreme poverty and hunger”. <http://ddp-ext.worldbank.org/ext/GMIS/gdmis.do?siteId=2&goalId=5&menuId=LNAV01GOAL1>. Acessado em 10 de Outubro de 2008.

<sup>2</sup> Personagens principais do “colapso da modernização” de Kurz. (C.f. R. Kurz: *O Colapso da Modernização*. São Paulo: Paz e Terra, 1999).

<sup>3</sup> Quanto a isso, ver especialmente, de Adorno, *As Estrelas Descem à Terra* e o textinho “O Esquema da Cultura de Massas”.

intelecto: é um recurso que está no âmbito de algo que a psicanálise chama de princípio de realidade, uma concessão feita em nome da sobrevivência. Trata-se de concessão porque – sob a ótica da mesma psicanálise, esse teoria bastante sensível à expressão das conseqüências subjetivas do conformismo e da adaptação – o movimento como um todo é o de uma submissão a uma situação existente e atual que aparece como menos favorável frente a uma outra, inexistente e meramente possível, porém mais favorável. Essa situação mais favorável é aquela para a qual aponta a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção; e aquelas conseqüências subjetivas são o esforço psíquico específico que torna factível não o adiamento, mas o apagamento de uma liberação que seria possível agora. Em suma, o que se dá é um comportamento subserviente que é adequado a situações em que todas as oportunidades de desenvolvimento da vida pessoal ou mesmo de sobrevivência estão dominadas por uma instância mais ou menos pessoal, dotada de poder e de consciência, capaz de observar as ações e julgá-las – uma realidade que, historicamente, primeiro se vislumbrou no Estado totalitário sob o Nacional Socialismo, mas que, depois, com a exportação generalizada do *know-how* administrativo aí desenvolvido, tornou-se parte constituinte da vida sob o capitalismo tardio em suas variantes democráticas e em tudo quanto é canto.

## **5.2 Mal-estar e crítica**

Uma porta de entrada freqüentemente utilizada para uma crítica social de inspiração psicanalítica é o *Mal-Estar na Civilização* de Freud. A tese principal, aí, é que a sociedade sempre e por definição deixa a desejar – literalmente. Sempre há um déficit entre o que a pessoa busca (socialmente) e aquilo que a sociedade permite que ela realize.

O tema da manutenção da insatisfação é recorrente no pensamento freudiano. Quando, nos escritos mais voltados para o âmbito subjetivo, Freud discute a formação do Ego – a formação da representação de uma unidade pessoal – o reconhecimento daquele déficit, daquela insatisfação inescapável, figura como

o elemento fundamental do processo conhecido como castração. Diante disso – talvez a exemplo do *Eros e civilização* de Marcuse –, a primeira tendência de uma mentalidade crítica muitas vezes é a de insurgência teórica contra o pressuposto de uma sociedade precária ou indiferente à realização subjetiva dos desejos; freqüentemente, logo depois dessa insurgência, ou como complemento a ela, se estabelece, então, quiçá, uma apologética da repressão – agora com outro nome: quiçá uma repressão interna e indelével de inspiração schilleriana – como necessária para nos defender contra o caos destrutivo dos impulsos do Id, do Super-Ego inchado, ou de seja lá o quê.

Abordagens dessa natureza – a despeito do fato de que elas querem expressar de forma imediata a ojeriza a um estado de coisas que merece toda ojeriza – reprimem, na reflexão de inspiração psicanalítica, as inclinações intrínsecas para a crítica radical. Para que essa reflexão possua relevância hoje, ela precisa ser capaz de pensar a repressão como um acontecimento que se dá às margens do discurso, o que é essencial para a compreensão da forma contemporânea da ideologia, cujo poder de convencimento não está em seu conteúdo racional-discursivo. Tendo isso como base, é preciso debruçar-se sobre o problema da sociedade repressora amparado-se numa dupla precaução: assim como não é adequado dissolver em termos racionais-discursivos o problema da repressão na sociedade contemporânea, tampouco pode o modelo teórico para uma solução específica para essa repressão substituir a solução mesma do problema, construindo a imagem teórica de um esquema repressivo mais humano e eficaz. Num mundo onde os próprios administradores e lacaios convictos do capital adotam de bom grado uma postura materialista<sup>4</sup>, a crítica que não se debruce sobre a lógica surda-muda das coisas tende àquilo que Freud chamava de ilusão<sup>5</sup>: a realização de um desejo através de uma fantasia que substitui a necessidade de realizá-lo no mundo real. De modo que, para início de conversa, convém fazer uma distinção clara entre um momento receptivo de compreensão do mundo e um momento criativo no qual sua crítica será elaborada. Entretanto, uma vez que a compreensão trabalha desde o reconhecimento da alteridade da realidade, e a crítica na perspectiva limite de uma capacidade de misturar-se com

---

<sup>4</sup> C.f. P. E. Arantes: “O ‘Pensamento Único’ e o Marxista Distraído”, in *Zero à Esquerda*. São Paulo: Conrad, 2004.

<sup>5</sup> C.f. S. Freud: *O Futuro de uma Ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. Especialmente p. 48, e toda a seção VI.

ela – e de fazê-lo através de uma capacidade reflexiva raciocinante que não tem cadeira cativa na realidade –, também é preciso compreender o momento da crítica como um momento da compreensão: caso contrário, a crítica ou bem se transforma em um alento suspirante do tipo “como eu gostaria que...”, ou bem em uma elaboração conceitual que se crê auto-suficiente e que acaba servindo como substituto daquilo que se “gostaria que”.

### 5.3 Da necessidade à linguagem

O problema freudiano da formação subjetiva pode ser entendido a partir do conceito de castração e de sua relação com a repressão e a insatisfação, relação essa que é regida pela problemática da inserção do indivíduo biológico no meio social onde ele teve o azar de aparecer. A castração mesma é um processo complexo e importante que marca a transição entre o bebê e a criança: entre um ser absolutamente dependente dos outros, cujos desejos são por eles previstos e adivinhados, e uma “pessoinha”, alguém que está prestes a aprender a caminhar com as próprias pernas e – o que é importantíssimo – a manifestar seus próprios desejos através da fala<sup>6</sup>. Essa discussão sobre a aquisição de autonomia psíquica, sobre a formação da personalidade, é indissociável de uma discussão sobre a aquisição de linguagem. Pela linguagem, o desejo – algo, de início, essencialmente subjetivo – torna-se sociabilizável através da nomeação dos objetos de desejo em termos extra-subjetivos: em termos públicos. O cerne dessa sociabilização é um paradoxo. Para obter o que deseja para si, a criança precisa aprender a designar aquilo que ela deseja da mesma maneira que os outros, o que, no fim das contas, significa que ela só poderá desejar aquilo que desejam os falantes em meio aos quais ela nasceu – o que é socialmente desejável. Esse paradoxo, na verdade, é mais antigo que o processo de castração: o bebê já o experimenta objetivamente (ou seja, independentemente da consciência que tem dele), na medida que, inversamente, sua capacidade de comunicação é

---

<sup>6</sup> Não se trata de reconhecer um primado ontológico para a fala: é só que, quando se tem músculos poucos desenvolvidos e por volta de um metro de altura, gritar de forma mais ou menos clara é uma das escassas estratégias possíveis para alcançar o que se quer ou precisa.

praticamente nula. Ele não pode dizer que tem fome, frio ou dor de ouvido, e depende dos outros para que lhe seja oferecido um casaco, um seio, umas gotinhas de antiinflamatório. De maneira mais ou menos acertada, a figura materna – a mãe biológica ou a pessoa ou pessoas que desempenham o seu papel – adivinha as necessidades do bebê e cuida de satisfazê-las e, no caso de uma adivinhação sem sucesso, a continuação do choro do bebê convida a uma nova tentativa. De qualquer maneira, fato é que o bebê vai aprender a desejar também através dessa adivinhação ou projeção do outro, segundo o chamado mecanismo de introjeção: como supor que, ao nascer, a pré-pessoa já saiba o que é o leite materno, e já preveja o prazer que ele proporcionará, em termos da satisfação daquilo que, algum tempo mais tarde, será isolado das demais faltas também isoladas e chamado de fome? No caminho da razoável especulação freudiana, mais certo é supor que o bebê sente a fome mas não sabe de quê (sente a falta mas não tem desejo), e que é a figura materna que preencherá os dois vazios: tanto o de leite quanto o de saber o que é o leite; o da coisa e o da representação da coisa. Mais ainda: este preenchimento só acontecerá na medida em que a figura materna tem o desejo de oferecer o seio ao bebê<sup>7</sup>; sendo assim, quando o bebê se alimenta, ele apazigua sua falta e, ao mesmo tempo, satisfaz o desejo de um outro.

Há que se observar que esse outro não inventa a necessidade, ainda que determine o objeto dessa necessidade, aquilo de que a falta do bebê se trata: a falta de alimento, calor, etc., existiria mesmo que não existisse um outro. Nesse sentido, o paradoxo da satisfação de si através de uma identificação com o que vem do outro, ainda que de fato realmente já venha do berço, é, então, praticamente desconsiderável, quando comparado ao que ocorrerá quando da ascensão dos desejos à linguagem. Aí, não se tratará mais de adivinhação por parte da figura materna: a criança determinará o que deseja através da nomeação, só que com uma ressalva: só pode ser desejável o que for nomeável, e só é nomeável, no fim das contas, aquilo que a sociedade dos falantes reconhece e autoriza como mais ou menos pronunciável.

---

<sup>7</sup> No caso contrário, ou seja, quando não há desejo e satisfação maternos em dar o seio, e isso é apreendido pelo bebê por qualquer meio, o aplacamento da falta do bebê fica ligado à criação do sofrimento na mãe, e o bebê não aprende a desejar a satisfação. Em última análise, enquanto falta ao bebê o espelho da satisfação no outro, também lhe faltará sua própria imagem de sujeito satisfeito: ou seja, faltar-lhe-á a base da imagem do ego.

## 5.4 Castração e crítica

Sob o ponto de vista da formação subjetiva, as razões do mal-estar necessário à civilização aparecem, então, nos seguintes termos: podemos desejar qualquer dos objetos designáveis pela linguagem, mas o conjunto dos objetos desejáveis não é suscetível à escolha. E da mesma forma como os objetos de desejo mudam depois da aquisição de linguagem, a forma da satisfação também mudará, então. Antes da linguagem, não há, para o bebê, diferença entre o que é desejado e o que é apresentado para satisfazer o desejo, visto que a mãe realmente adivinha, de forma eficaz, a natureza dos objetos dos desejos do bebê e o momento em que eles se manifestam; nesse sentido, toda satisfação que o bebê obtém se dá como auto-satisfação. O jargão psicanalítico qualifica essa experiência, e aquelas formalmente idênticas a ela, de experiências narcísicas, e chama de narcisismo o período do desenvolvimento ou o estado psíquico em que elas predominam. Nos termos do narcisismo, a experiência não é do leite nem do seio, mas do “seio-boca”<sup>8</sup>. No estágio seguinte de um desenvolvimento psíquico projetado nos termos de uma normalidade psicanalítica, os desejos tornar-se-ão exprimíveis em linguagem, e a criança precisará admitir uma quantidade mínima de inadequação entre falta e coisa desejável, a qual também pode ser caracterizada em termos de uma medida de alteridade dentro do objeto desejado, e de falta dentro da satisfação. Na transição para essa fase, a mãe precisa ser reconhecida como algo que está no mundo – algo que é, inclusive, objeto de desejo de outras pessoas, e que, de fato, deseja outras coisas além de dar o seio ao bebê, o que explica, aliás, que esse seio às vezes lhe falte. Mas aquela ascensão à linguagem, por outro lado, não pode ser somente desvantajosa, ou então, como Aulagnier enfatiza, nós simplesmente nos recusaríamos a empreendê-la. Por que aceitaríamos a autonomia psíquica e a participação na sociedade se tudo que ela nos garantisse fosse uma medida de falta dentro de nossa satisfação?

As condições mesmas de formulação desta pergunta expressam o aspecto da teoria psicanalítica que a torna especialmente útil na formulação de uma teoria crítica da sociedade. O que está em jogo aqui é admitir que – a despeito de toda

---

<sup>8</sup> A expressão é de Pierra Aulagnier. (C.f. P. Aulagnier: *A Violência da Interpretação*. Trad.: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1979).

frustração que a civilização deva trazer (mas, então, a questão será de que frustração se estará falando) – a sociedade precisa ser compreendida em termos da satisfação que ela proporciona. No que diz respeito aos problemas envolvidos na formação da personalidade individual, o que a teoria nos aponta é que a criança, por um lado, não poderá mais acreditar que sua mãe é uma parte de seu próprio corpo e, assim, não poderá mais desejá-la como objeto por excelência; mas, por outro lado, e em compensação, ela poderá desejar todos os outros objetos do mundo. A criança não poderá mais encarar seus desejos como o centro de seu próprio universo; em compensação, o universo aumentou muitíssimo de tamanho, e abrange muito mais do que apenas o seu próprio corpo, sua própria história individual, e os desejos relativamente simples que podia introjetar sem mediação a partir de sua mãe. A criança perde a imagem narcísica de sua auto-importância – ou, para usar o jargão, ela castra a si mesma –, perde a necessidade de atribuir à sua mãe uma importância fundamental e um poder irrestrito sobre sua própria existência – quer dizer, ela castra sua mãe, também – e perde o medo mortal daquilo que está além da relação entre ela própria e sua mãe, ou, em última análise, o que está em oposição ao que ela encarava como uma satisfação perfeita dos seus desejos – castrando, afinal, a própria sociedade.

É importante observar que a repressão dos desejos e sua realização aparecem como dialeticamente implicadas através do conceito de castração<sup>9</sup>. Em vista de tal conceito, a crítica *tout-court* da repressão e a cruzada intelectual pela possibilidade de uma sociedade não-repressora aparecem, em certo sentido, como carecendo de sentido, o que não quer dizer, por outro lado, que a teoria de Freud é uma teoria conformista. A crítica da sociedade precisa, antes de tudo, beneficiar-se da oportunidade de encarar seu objeto sem ilusões; à luz da teoria da castração, exigir que a sociedade seja criticada nos termos de uma completa satisfação dos desejos, de uma liberdade absoluta e irrestrita, é colocar o discurso crítico na esfera da ilusão e da fantasia – onde, de fato, todo discurso teórico se sente tanto mais confortável quanto maior é a desproporção entre a capacidade de entender o mundo e a capacidade de influenciá-lo. A imagem mesma de uma tal sociedade – a qual, talvez, teve apelo crítico nos anos 60 – já se tornou parte integrante da

---

<sup>9</sup> É uma implicação tão estranha e tão razoável quanto aquela entre as pulsões de vida e de morte através do princípio de Nirvana, diga-se de passagem – implicação essa à qual, de fato, Marcuse não dá a importância merecida.

experiência social contemporânea, e socialmente aponta, como complemento, tanto através do consumismo quanto através das mais ou menos sofisticadas apologias à democracia ocidental, não a um movimento para além da forma corrente de socialização, mas para o desenvolvimento e a manutenção ulteriores dessa forma de socialização: mais do mesmo. A vida na sociedade burguesa repressora incorporou a imagem da satisfação de todos os desejos.

Por outro lado, não é à toa que a honestidade freudiana diante da frustração inerente à vida em sociedade repugnou a mentalidade burguesa de virada do século – essa época turbulenta de revoluções derrotadas, abertura democrática, guerra mundial e gênese do nacionalismo europeu de direita. É razoável sugerir que, nesse contexto, a acusação retrospectiva de que a psicanálise constituía uma apologia do sacrifício pessoal, em linha com o culto ao trabalho em torno do qual orbitava a primeira ideologia burguesa, tem algo de anacrônico. Não só a crítica das massas à primeira sociedade burguesa já tinha sido realizada com as armas do argumento e também com o argumento das armas em duas versões, como o próprio estado de coisas capitalista, para se preservar, já estava apelando para determinadas concessões na órbita sócio-política – concessões essas que, por mais ilusórias e ideológicas que fossem, iam na direção justamente de corresponder, em certa medida, àquela crítica<sup>10</sup>. Independentemente das posições de seu criador, a teoria psicanalítica desde sua origem traz ferramentas teóricas capazes de criticar tanto o esboço do hipócrita Estado de bem-estar social desenhado por Bismark quanto a deificação da Nação que viria depois do fracasso retumbante deste. O que liga o reconhecimento desse potencial crítico diante das primeiras tentativas da sociedade burguesa de tornar-se – como se dirá no século seguinte – mais inclusiva, de um lado, à denúncia do aspecto ilusório que há na imagem de uma sociedade sem repressão, de outro, é o fato de que é simplista, e por isso falsa, a afirmativa de que o (primeiro) *ethos* burguês, que revolve ao redor do trabalho e da abnegação, não consiste numa negação sumária do prazer: envolve, antes, algo que, em termos psicanalíticos, pode ser expressado como a substituição de um tipo de prazer – objetual – por outro – narcísico. Em vista disso, a imagem da sociedade sem repressão perde o potencial crítico, uma vez que o problema do (primeiro) *ethos* burguês não pode ser exatamente colocado como o problema *tout*

---

<sup>10</sup> C.f. E. Hobsbawm: *The Age of Empire. 1875-1914*. London: Abacus, 2007, Capítulo 4 (“The Politics of Democracy”).

*court* da repressão: é que a repressão tem um aspecto produtivo – como, aliás, para fechar o círculo da argumentação, dá testemunho a configuração das sociedades a um turno hierarquizadas e democráticas que nasciam na virada do século<sup>11</sup>.

## 5.5 Repressão social e narcisismo

Mas aquela frustração de que fala Freud através do conceito de castração, e também na discussão do mal-estar na civilização, nem de longe se compara à violência à qual a psiquê é submetida hoje, menos de um século depois, quando analisar a sociedade em função de um déficit necessário e fundamental entre o desejo e a satisfação seria colocar em termos ridiculamente palatáveis uma nefasta situação de violência e privação sistemáticas e manipulação das necessidades que difere em muito da que se dava na época de Freud.

Para começar, o nível de satisfação possível que a civilização seria capaz oferecer ao indivíduo aumentou muitíssimo, e isso faz com que a insatisfação sofra uma mudança qualitativa. No início do século XX, quando se havia apenas vislumbrado o que é que o desenvolvimento técnico proporcionaria à humanidade em termos de produção e circulação de mercadorias, o déficit de satisfação apontado pela teoria psicanalítica encaixava com o fato de que as coisas não podiam ser exatamente da maneira que o indivíduo normal *poderia querer*. Essa ressalva é importante porque, para além dos efeitos exercidos por uma sociabilização-em-geral sobre a formação subjetiva, as peculiaridades da organização social incidirão de maneira particular sobre a estrutura do aparelho psíquico, o que constituía o pressuposto, compartilhado por Adorno, Horkheimer e Fromm, por exemplo, para a incorporação da psicanálise ao corpo da teoria crítica. Desistir da satisfação narcísica pode ser mais ou menos difícil de acordo com as possibilidades dos indivíduos de – através das mediações sociais –

---

<sup>11</sup> Nota especial para meus companheiros de perplexidade: Isso pode ser lido como a denúncia de um furo de algumas das teorias que se oferecem como “críticas da sociedade do trabalho”. É que, por um lado, é através do trabalho que se satisfaz as necessidades, mas, por outro, tampouco a sublimação através do trabalho, o estoicismo burguês, é negação do prazer: é, antes, a regressão a um tipo de prazer narcísico – da mesma forma, aliás, que a ilusão da ausência de repressão.

tomarem conta das suas vidas, de tal modo que as condições oferecidas pelo meio social podem até tornar impossível castrar a sociedade, deixar de encará-la como um outro que representa tão-somente a negação – sem nenhuma contrapartida – do prazer que existe quando da mistura psíquica com a figura materna, mediante a qual todos os desejos eram produzidos e realizados. A ausência de contrapartida – um elemento que deve desempenhar um papel importante na formação psíquica de pessoas que crescem sob condições materiais inóspitas – favorece a fixação do indivíduo em esquemas de desejo e satisfação que são mais ou menos incompatíveis com sua sociabilização, ou seja, trabalham no sentido de que o indivíduo não seja capaz de aprender a desejar publicamente. As chamadas fantasias – as representações de si mesmo, dos outros, do mundo, que estão por trás dessa fixação narcísica – são percebidas, mais tarde, no discurso do neurótico e do psicótico, e expressam a violenta dualidade implicada pela crença – a qual, a mais das vezes, evidentemente, não é clara e formulável, existindo apenas inconscientemente ou, como sintoma, em seus efeitos práticos – na possibilidade de uma satisfação perfeita dos desejos, complementada por um terror mais ou menos forte diante da sempre iminente possibilidade de não ter jamais nenhum deles satisfeito.

Evidentemente, se existe uma tal crença, instâncias que a contrariem também não hão de faltar mesmo àqueles cuja infância está marcada pela eficiência da figura materna. Mas se, no fundo, a personalidade narcísica depende da introjeção do desejo alheio – se ela é constituída por aquela adivinhação que vem do outro, mas que satisfaz como se fora uma parte do si próprio –, a falta narcísica tem o significado fatal do esvaziamento completo da personalidade. É o que se passa – com maior ou menor completude – quando ao indivíduo são vedadas as condições de auto-reconhecimento enquanto instância desejante permanente. É que, dentro do paradigma narcísico, cada desejo, *este* desejo, é o desejo e, portanto, quando a satisfação não se dá, o que se passa não é um adiamento, é uma ausência total e sem perspectivas – porque a possibilidade de desejar outro desejo, e outro em seguida, não está dada.

É verdade que a fantasia da ausência total e mortal expressa condições que um dia foram reais: ela reflete o desespero de uma criança faminta que pode morrer se a ninguém der na telha ir alimentá-la. Dentro do esquema da família burguesa, é o costume com a presença da figura materna que vai, aos poucos – e

se a especulação psicanalítica está correta – anestesiado esse desespero. Essa presença subentende a capacidade da figura materna de, por um lado, alimentar o bebê, e, ademais disso, fazê-lo demonstrando prazer. Em face a esse quadro, a castração envolve, para o proto-sujeito, abandonar os últimos resquícios da impressão de impotência diante daquele irrestrito poder de vida e morte que o outro tem sobre ele, o que só pode ser feito alterando-se a forma do desejo: expandindo-a. Trata-se, aliás, entre outras coisas, de passar pela experiência reiterada de que o alimento não vem da mãe apenas quando ela bem entende, mas que existe um pai, uma família, enfim, *um meio social*, que reconhece a atividade da figura materna, a regula, sustenta e estimula – ou seja, a experiência, por parte da criança, de que ela mesma não está submetida apenas às inclinações pessoais da figura materna, por que não é objeto de desejo exclusivamente dela. Está aí o pressuposto necessário para que, em contrapartida, a criança possa ter interesse em desejar outras coisas, além da sua mãe.

Mas a criança, evidentemente, nada sabe de interesses, narcisismo e libido objetual: aquilo de que ela precisa para ir além da satisfação mediada pela figura materna é uma prova de amor *do mundo*, uma chance de experimentar o desejo do meio com relação a si própria, um tipo de “amor” ou de “desejo” outro que aquele que a atinge partindo da figura materna como adivinhadora de seus desejos. Esquemáticamente, caso isso não ocorra, ou seja, caso tenha lugar uma ausência ou insuficiência de provas de amor vindas desse terceiro elemento que existe para além da sua relação com a mãe, não se dará a experiência do desejo em abstrato – um desejo que extrapola a relação biunívoca com a figura materna –, e a criança ficará presa ao paradigma da satisfação narcísica.

Mas é preciso salientar, em face da atual configuração social, que existe, ainda, uma diferença entre a tal ausência ou insuficiência de desejo provindo do mundo e a experiência de que se é efetivamente o objeto de algo que talvez pudesse ser chamado de ódio. No âmbito da formação da personalidade individual, quando essa experiência envolve os entes mais próximos, ela tende a resultar na formação da psicose. O que interessa é pensar no que resulta essa experiência quando a fonte do ódio não é uma figura da família mas a sociedade como um todo: pois é essa a experiência projetada pela configuração econômico-social da sociedade capitalista tardia. Essa configuração é tal que, por um lado, está dada a existência dos meios para satisfazer as necessidades materiais de

todos; se isso não é feito, por outro lado, é porque “não se quer”; e se a sociedade, hoje, simplesmente “não quer” preservar a vida dos indivíduos, a despeito de suas capacidades, essa situação é diferente da que Freud poderia ter observado no início do século XX. Nossa sociedade não é impossibilitada de satisfazer os desejos, ela simplesmente não se organiza para fazê-lo. Não é mais a escassez que determina a insatisfação de uns em prol da satisfação do outro: o que há é o desperdício sistemático, intrínseco à forma que a competição econômica tomou no capitalismo tardio – à maneira como a exploração da natureza precisa ser conduzida com a maior violência possível, gerando sempre o mínimo de gastos financeiros; ao modo como o trabalho é acumulado desproporcionalmente na produção de bens supérfluos e como produtos precisam ser sistematicamente eliminados da circulação para manter a lucratividade de sua comercialização. E lá onde a exploração é conduzida e o desperdício é perpetrado, não está o destino insondável, os desígnios de Deus ou a mãe natureza: está a mão do administrador, o planejamento, a vontade de alguém, um princípio racional de organização. O que há não é mais uma realidade a respeito da qual o processo de sociabilização informa que nem tudo é conforme se deseja, mas sim uma realidade inteiramente submetida a desejos, só que a desejos heterônomos e antagônicos com respeito ao indivíduo em geral.

## **5.6**

### **Socialização e ilusão**

A pergunta que se deve fazer, então, é por que o indivíduo biológico não se recusa a se socializar – ou, dado que essa socialização aparentemente acontece, o que é necessário para que seja possível a socialização nestas condições, e que tipo de sociabilização dos desejos é possível numa tal sociedade.

Ora, a sociabilização dos desejos jamais é completa, pois sempre há um déficit de satisfação, quando ela é comparada com a memória da satisfação (virtualmente) perfeita que existia no narcisismo do lactente. A primeira tendência, na história da infância, é que essa memória apareça ainda como objeto do desejo, o que é expresso por aquelas crianças que já têm a fala, embora ainda

não tenham realmente sociabilizado seus desejos, e que dizem: no futuro, serei grande e casarei com a minha mãe. Por outro lado, quando a castração se dá de forma completa e eficaz, o que sucede é que essa memória perde a forma de um passado ao qual se gostaria de retornar, de um objeto particular, de uma determinada situação, mas é conservada como um objeto em geral ou como um futuro mais ou menos incerto e vago: como a própria noção de um futuro possivelmente agradável, uma realização possível, que é, no fundo, a imagem do próprio Ego adulto desejanste, a imagem de alguém que pode desejar sossegado, sem se desesperar com a irrealização, e mais ou menos conformado com o adiamento. Mas Freud identifica mecanismos que permitem socialmente a manutenção do esquema pré-castração em pessoas adultas: as idéias religiosas, conforme a discussão promovida em *O Futuro de uma Ilusão*, são um exemplo de tais mecanismos, mas a definição de ilusão encontrada aí pode ser ampliada para além – ou aquém – do contexto transcendente.

Nas palavras de Freud, “podemos chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade.”<sup>12</sup> E por trás da ilusão religiosa, Freud encontra precisamente aqueles desejos do período narcisista: o desejo de completude irrestrita, uma satisfação que provém de um outro que tem o poder de nos salvar ou de nos deixar perecer, mas que escolhe nos salvar, em conformidade com nossas ansiedades mais íntimas. Freud enfatiza os aspectos pessoais envolvidos na questão das ilusões, mas podemos expandir sua discussão para dizer que aqueles desejos do esquema pré-castração vêm à tona na psique adulta como uma reação às dificuldades encontradas no mundo real que, de uma certa forma, confirmam as fantasias infantis a respeito de uma alteridade frente à qual os desejos nada significam.

É verdade que Freud, muitas vezes pintado como pessimista, apresenta, ao contrário, um certo otimismo quando considera (ou subentende) as perspectivas da realização da castração, deixando de mencionar que só condições sociais privilegiadas permitem acesso a uma contrapartida oferecida pelo meio suficientemente forte para engendrar, na criança, uma auto-imagem confiante em um futuro promissor e em um ambiente onde seus desejos são realizáveis. Ainda

---

<sup>12</sup> *O Futuro de uma Ilusão*, p. 50.

que seja necessário admitir que uma imagem cruel do mundo não transparecerá diretamente para a criança, que só terá uma vaga impressão de tudo que se passa para a além de sua família, por outro lado, a atitude da família diante do mundo não só lhe será evidente, como será objeto do seu maior interesse, na medida em que seu aparelho psíquico procura adquirir autonomia, seguindo os desenvolvimentos físicos que, por si mesmos, apontam para alternativas ao esquema narcisista do outro todo-poderoso. De qualquer maneira, para o caso de uma completa sociabilização dos desejos não ser possível, haveria a opção de se adotar um discurso que ofereça a imagem do passado como uma perspectiva do futuro e, ainda por cima, encoberta: ao invés de desejar a união total com a entidade absolutamente provedora, tratar-se-ia de imaginar um mundo transcendente e futuro onde não existe a falta, e um ente supraterrâneo que cuide para que tudo vá bem por lá.

A argumentação freudiana, assim, mostra o que parece intelectualmente ingênuo sob a ótica do seu apelo visceral a um aparelho psíquico que, afinal, não é exclusivamente intelectual. As ilusões – e, portanto, em certo sentido, as ideologias, enquanto esquemas de satisfação imaginada – não apelam ao sujeito apenas de fora, mas também de dentro. Ao admitir isso, Freud, como crítico da religião, se coloca numa situação paradoxal – a qual, de fato, é sarcasticamente explorada, em *O Futuro de uma Ilusão*, pela figura do contrariado interlocutor imaginário. Se o homem deseja a ilusão, se a ilusão é, até certo ponto, estruturalmente necessária, e se a ilusão torna a vida humana suportável, por que fazer uma crítica da ilusão? À primeira vista, a perspectiva do aparelho psíquico particular parece justificar a ilusão, mas isso porque se trata exatamente da saída, mais ou menos razoável, encontrada pela psique, para existir dentro das condições adversas de uma determinada forma social. Toda a questão, contudo, é que essa saída tem o preço óbvio de tornar psicologicamente possível a conciliação daquele que envereda por ela com condições reais adversas. A imagem de uma solução transcendente para os problemas humanos é o complemento de uma atitude passiva diante da realidade: admite-se como ponto pacífico que a satisfação, a justiça, a liberdade, não são possíveis nesse mundo – elas realmente não o são, dado o modo de produção e reprodução social corrente –, mas só é suportável admitir isso porque se concebe a existência de um outro mundo onde essas coisas são possíveis e se dão. De fato, na medida em que a realização material no mundo

foi se tornando cada vez mais possível, a religião ocidental, através do movimento do protestantismo, não deixou de incorporar a mensagem de usufruto imanente do mundo e de operação nele...

## 5.7 Produção de desejos

O que torna diferente a situação da ideologia contemporânea, com relação àquela para a inteligibilidade da qual era possível servir-se do conceito de ilusão, é que o elemento transcendente – o outro mundo e o Deus onipotente – foram objetivamente eliminados<sup>13</sup>. É que uma sociedade na qual a realização total das necessidades materiais não é mais impossível precisa de um esquema ideológico mais intrincado do que a postulação de um vago “outro mundo” que seria o reino da satisfação. Aquilo que o mundo de outrora não podia dar é, hoje, a um turno continuamente exibido para o indivíduo, e negado a ele. A superabundância, a superfluidade, a ostentação e o desperdício são traços da experiência social quotidiana, mas também o são a miséria, a privação, a falta, a superexploração e a violência.

A formulação básica do problema é a seguinte: a sociedade cuja estrutura técnica poderia proporcionar *agora* a satisfação das necessidades fundamentais, mas que, ainda assim, nega essa satisfação, não pode propor, em troca, satisfações *futuras*. Visto que as relações econômicas, pressionadas pelos níveis de acumulação e concentração, tornam-se ainda mais rígidas e impermeáveis à ação individual que sempre foram, mesmo a satisfação praticamente possível não é um objeto que o indivíduo pode aprender a exigir ou buscar, sociabilizando seus desejos, tornando-os compatíveis com o discurso – mas tampouco é uma

---

<sup>13</sup> Evidentemente, a compreensão mais completa dessa questão exigiria um estudo do fenômeno religioso contemporâneo. Mas sua penetração junto a populações que, longe de estarem fora do capitalismo tardio, estão totalmente encaixada nos esquemas mais recentes de exploração material – seja o sub-emprego, seja a redundância social crônica e estrutural – aponta, a princípio, na mesma direção que a da ideologia *tout court* e imanente que será discutida aqui. Vale indicar, ainda que de forma vaga, o papel que tem o discurso religioso contemporâneo no que diz respeito à expressão mediada e metafórica, mas assim mesmo extremamente adequada, da situação geral de desamparo e perseguição à qual a psique individual está submetida sob o capitalismo tardio. Um esquema intelectual construído entre um inferno flamejante ameaçador e um Deus poderoso e arbitrário não está longe de dar conta de forma adequada de tal situação.

satisfação estruturalmente impossível que demanda o adiamento para um futuro-passado transcendente. Tal adiamento não serviria como compensação para a ausência de algo que de fato e obviamente *poderia* ser dado aqui e agora. Ao invés do adiamento, então, o que se faz necessário é a postulação da situação presente como uma situação sem necessidades: a transcendência é negada e a imanência precária é afirmada como suficiente.

Esse esquema de obsolescência da transcendência é quotidianamente explicitado pelos dispositivos de propaganda comercial. O cartão de crédito e o carro não são símbolos de poder: são *o próprio* poder. Tal simbolização implica um esvaziamento do conceito de poder, e é justamente isso que está em questão: a perda dos pesos específicos dos esquemas psíquicos originariamente expressos por relações com os chamados substantivos abstratos. A cosmética oferta maravilhosas cores de cabelo desejáveis específicas, e a cirurgia plástica torna possível *o* seio desejável, *a* bochecha desejável: a beleza em-si é que é comprável<sup>14</sup>. Os padrões e ícones tornaram-se objetos particulares, regredindo a consciência para o esquema pré-castração no qual ainda não existia o geral, o conceitual. A felicidade universal – a ausência de necessidades materiais, como garantia razoável de preservação tranqüila da existência –, a qual é possível, mas não é proporcionada nem mesmo para aqueles que participam ativamente na aquisição de bugigangas, é substituída por algo que é possível e é proporcionado aqui e agora, de tal modo que o aqui e o agora ficam valendo como a felicidade, e a felicidade precisa perder seu significado crítico-transcendente com o qual se poderia condenar a precariedade do existente.

Em termos psíquicos, a especulação de inspiração psicanalítica aponta para que as conseqüências disso sejam mais graves do que o retorno ao narcisismo que ocorria através do apelo ao discurso ilusório da religião. Não se trata mais da incapacidade de desejar socialmente e de um mecanismo que equilibra a insatisfação apelando para a imagem do retorno de um passado fantasiosamente perfeito e da perpetuação da menoridade, mas de uma mutação da própria capacidade de desejar socialmente, que perde, assim, sua posição como

---

<sup>14</sup> Há algo de ridículo nesses exemplos de consumismo de classe-média universal. Que relevância tem essa problemática minoria de atormentados privilegiados e falantes, face ao sofrimento daqueles que estão esmagados pela incapacidade de falar e serem ouvidos? Uma resposta possível – a de um sádico feito cientista social – seria que, no caráter alquebrado da fala alquebrada dos que falam, é cada vez mais audível não apenas o tartamudeio dos que foram calados a tapa, mas também o vazio estúpido que é verdadeira a história dos loquazes.

contraponto “sadio” à fantasia – sendo que, no jargão, mutações homólogas a essa são denominadas perversões. A necessidade de conviver com uma alteridade social que, conquanto não queira a felicidade possível do indivíduo, quer a sua destruição, engendra, pelo assim-chamado processo de identificação com o agressor, uma revisão da própria natureza da felicidade. A Indústria Cultural, como instância social que não apenas produz bens, mas produz, sob a forma de propaganda, o discurso sobre a necessidade desses bens, é o dispositivo objetivo que torna possível essa revisão. O que esse discurso diz ao indivíduo é o seguinte: a sociedade poderia garantir sua subsistência, mas você não deseja a subsistência garantida, você deseja eletrodomésticos a prazo. Por um lado, a supostamente confortável situação pré-castração da adivinhação do próprio desejo pelo outro é repetida aqui; por outro lado, aquilo que vem do outro sob a forma da adivinhação é, na verdade, uma projeção autoritária que carrega ao mesmo tempo a mensagem da realização imediata e da frustração. Não há distância entre a satisfação e a frustração: para apresentar o que é bom e socialmente *desejável*, o meio apresenta a si mesmo imediatamente, repete sua própria imediatidade, virando as costas para um futuro aquiescente aos desejos do sujeito – futuro esse que, afinal, *poderia* ser o presente imediato.<sup>15</sup>

## 5.8 Limites da produção de desejos

Mas não se pode desprezar o fato de que o complemento objetivo da propaganda é a miséria. A oferta do consumismo vazio como fim em si mesmo é

---

<sup>15</sup> Vale uma observação essencialmente e adequadamente intempestiva, introduzida por uma pergunta improvável: mas na sociedade onde a produção esteja emancipada, o que estará em jogo não será, também, um aqui e um agora apresentados imediatamente ao sujeito? Também não se perderia, em tal sociedade, a dimensão da transcendência, à qual está ligado o adiamento que caracteriza a autonomia subjetiva quando do movimento civilizatório individual da castração? A resposta é: sim, essa transcendência seria perdida, em certo sentido, ainda que a sociedade organizada para satisfazer as necessidades materiais do homem não possa ser entendida da mesma forma que a mãe que é capaz de satisfazer *todas* as necessidades do homem. Os oráculos garantem que ainda haverá sentimentos não-correspondidos, desencontros, frustrações privadas, maucaratismo, etc.: o que é provável é que essas frustrações, ainda que remontem às perdas totais do período narcísico, não possam ser, nesse aspecto, confirmadas por uma realidade que terá tudo para garantir a existência humana, ao invés de relativizá-la constantemente. Com a emancipação material e o resgate do prazer de sobreviver, até ser neurótico vai ser muito melhor do que é hoje.

acompanhada da experiência constante da negação da finalidade do consumo. A conjunção desses elementos confirma o dispositivo de criação de desejos. Àquele a que é vedado comungar dos bens supérfluos e fosforescentes não resta *nada* – exceto o emparedamento cada vez mais literal às margens dos espaços habitados pelos contingentemente aproveitáveis em termos de venda de força de trabalho. É isso o que está subentendido no discurso ansioso e superenfático da propaganda: aceite os eletrodomésticos a prazo e os desejos heterônomos, porque a única opção é a destruição. À contingência do desejo artificial, criado, é conectada a necessidade imperiosa da sobrevivência, que não é invenção: não há opção à arbitrariedade à qual é preciso, portanto, submeter-se. Essa submissão tem algo de desesperado. O aspecto heterônimo do esquema da criação de desejos é, assim, completado: na medida que os desejos são criações da indústria, é preciso esforçar-se por captar informações a respeito das últimas criações, de maneira a aderir a elas e evitar a catástrofe real da exclusão. É assim que a fofoca do programa de variedades e a *inside info* da revista de moda se transformam numa senha para galgar patamares para longe da destruição iminente, de modo que o fútil, o ornamento, o supérfluo, vira meio de vida. A sociedade da produção da variedade é amiga da diferença – contanto que seja a diferença produzida.

Vale notar que isso lança sobre o discurso anti-repressão dos movimentos de liberação cultural dos anos 60 uma luz desagradável de espetáculo da inclusão – a qual não ilumina todas as suas facetas, é verdade, mas torna visível a linha reta que conduziu aquele *pathos* de reivindicação da diferença para o seio do microcapitalismo pós-moderno, onde todas as opções pessoais – desde a aptidão sexual até o fenótipo – estão mapeadas em termos de mercados. Deste mapeamento, ficam de fora os que não têm opção pessoal – ou, nos termos concretos que expressam essa opção na sociedade contemporânea, os que estão impossibilitados de escolher seus produtos preferidos e aderir. Os mecanismos que regem e determinam em última instância essa impossibilidade não são, obviamente, mecanismos psíquicos: aqueles que não podem ter seus desejos desejados pelo Capital são aqueles que o Capital, ao mesmo tempo, não pode aproveitar para nada: são os economicamente supérfluos, os desempregados inempregáveis.

O que é assustador e subjetivamente desconfortável para alguém que está pensando nisso e escrevendo sua tese, de banho tomado e bebendo café, é que a

expressão “massa de excluídos” não se aplica de forma figurativa e politicamente correta a essa massa de excluídos de que se está falando. Trata-se de uma exclusão em sentido radical. Se o consumista da nova classe-média universal pode ser psiquicamente criticado, na perspectiva de reverter seu quadro narcísico, o caminho de determinação social da psique dos excluídos aponta para uma situação problemática complexa para a qual não se pode realmente entrever soluções em termos psicanalíticos – da mesma forma, aliás, em que não existem, para eles, soluções capitalistas.

Mas isso significa que vai ser preciso ir além do sujeito, e além do capitalismo.